



Revista Mulemba
e-ISSN: 2176-381X
v. 15, n. 28, p. 7-10, 2023
DOI: 10.35520/mulemba.2023.v15n28a61335

Apresentação

Apresentação

Andrea Cristina Muraro¹ 

Gabriel Chagas² 

Luciana Brandão Leal³ 

Marlon Barbosa⁴ 

¹ Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB, Redenção, Ceará, Brasil.

E-mail: a.c.muraro@gmail.com

² University of Miami, Miami, Florida, EUA.

E-mail: gabriel.chagas19@gmail.com

³ Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais, Brasil.

E-mail: luciana_brandao@hotmail.com

⁴ Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

E-mail: marl.augustbarbos@gmail.com

Editoras-chefe

Carmen Lucia Tindó Secco
Vanessa Ribeiro Teixeira

Editores convidados

Andrea Cristina Muraro
Gabriel Chagas
Luciana Brandão Leal
Marlon Augusto Barbosa

Autor correspondente

Marlon Barbosa
marl.augustbarbos@gmail.com

Como citar:

MURARO, Andrea Cristina; CHAGAS, Gabriel; LEAL, Luciana Brandão; BARBOSA, Marlon. Apresentação. *Revista Mulemba*, v. 15, n. 28, p. 7-10, 2023. doi: <https://doi.org/10.35520/mulemba.2023.v15n28a61335>

A presente edição da *Mulemba*, revista do Setor de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa da UFRJ, Volume 15, Número 28, reúne alguns artigos em torno da crítica literária construída acerca as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, de escritos de autoria feminina senegalesa e das Áfricas no Mundo. Essa crítica se constrói através de um conjunto de vozes e também de enunciados que são propostos a partir de exercícios de leitura que se colocam como procedimentos de leitura do texto literário. A matéria literária aqui analisada – e não só – é composta por narrativas e poemas dos contextos de produção da África de Língua Portuguesa. Essa constelação crítica se faz como um repositório de memória em abismo. Queremos dizer com isso que esse número da *Mulemba* se reconhece enquanto pedaço de arquivo – incompleto – de uma crítica que se faz em torno de literaturas que se realizam constantemente enquanto exercício de memória. A crítica é uma espécie de biblioteca que se insere em um estado de constante (re)fazer, de resgates e invenções que a matéria literária

é capaz de proporcionar, imbuída de ancestralidade e da oralidade que permeiam o fazer literário nesses contextos como traços de sobrevivência.

É nesse sentido que os artigos, a resenha e a entrevista são alocados neste número com a intenção de contribuir com a construção da crítica – material necessário para que se alimente o crescente número de pesquisadores e professores interessados no estudo das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Esse processo de construção se realiza no coletivo, com leituras que tocam a forma e o conteúdo dos textos literários, evidenciam a riqueza crítica já formulada por esse campo de estudo em crescimento contínuo e promovem o avanço na superação da colonialidade que permeia as perspectivas canônicas de leitura. Não são poucos os pesquisadores que se debruçam sobre as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa: há críticos importantes como Benjamin Abdala Júnior, Maria Aparecida Santilli, Rita Chaves, Tânia Macêdo, Michel Laban, Pires Laranjeira, Ana Mafalda Leite, Francisco Noa, Fátima Mendonça, Néelson Saúte, Luís Kandjimbo, Brito Semedo, Manuel Ferreira, Russell Hamilton, Jane Tutukian, Elisalva Madruga, Vera Maquêa, Simone Schmidt, Inocência Mata, Edvaldo Bérghamo, Carmen Tindó Secco, Mário Lugarinho, Elena Brugioni, Sílvio Renato Jorge entre tantos outros que, mesmo não fazendo parte deste número, contribuíram e ainda contribuem para os estudos literários.

Nesse sentido, os artigos que compõem este número – que tenta recuperar um pequeno fragmento da história e da leitura de textos literários – promovem um arranjo de olhares sobre as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e a produção crítica realizada em torno delas. Esses olhares, apesar de abordarem temas diversos que são propostos pelos textos literários, se aproximam pelo método de valorização da crítica em torno dessas obras enquanto disruptiva de uma epistemologia calcada em valores eurocentrados.

O artigo de Lucas Laurentino de Oliveira inaugura o número promovendo uma reflexão em torno do apagamento subjetivo implicado na produção científica atual. Com o título **Onde a voz e a letra se encontram: desafiando paradigmas com Laura Padilha** insere seu debate de caráter metodológico através de um diálogo direto com a produção crítica de Laura Padilha. O artigo científico, dentro de seu modelo tradicional enquanto gênero textual, é estudado por seu aspecto conservador da impessoalidade na enunciação crítica. Laurentino, ecoando o trabalho de Laura Padilha, evoca o resgate da razão oral como parâmetro performático capaz de (re)inserir o sujeito nesse processo enunciativo.

A ruptura de processos enunciativos pela via da representação subjetiva também é motivo de investigação de Rodrigo Nunes de Souza e Vanessa Neves Rimbau Pinheiro. Tendo como título **Breves reflexões sobre a construção de saberes na literatura de autoria feminina senegalesa: o caso da educação da mulher em Mariama Bâ e Fatou Diome**, os autores realizam uma aproximação temática de duas autoras senegalesas como forma de buscar espaços comuns, partilha que o corpo feminino pode imprimir na matéria literária. O trabalho analítico de Souza e Pinheiro indica um mergulho no sujeito que, ao

ser ficcionalizado, também é capaz de traduzir uma experiência coletiva desenhada pelas colonialidades e na cultura em que esses corpos estão inseridos.

Dialogando com a ideia de uma crítica capaz de descolonizar o olhar sobre as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, contamos com a publicação da **entrevista concedida pela professora e pesquisadora Maria Nazareth Soares Fonseca**. Realizada por Luciana Brandão Leal e Wellington Marçal de Carvalho; a entrevista é mais do que um motivo para conhecermos e aprofundarmos a leitura do trabalho crítico consolidado dessa respeitável pesquisadora, já que se trata de um exemplo de postura ética e estética frente ao objeto literário. Respeito com relação à matéria oral e escrita que é resultado do compromisso histórico – que devemos assumir enquanto leitores – da crítica em deslocar a leitura de seu lugar tradicional na episteme ocidental.

A multiplicação de significados que um sujeito trabalhado ficcionalmente pode promover é tema (re)visitado também na leitura que realiza **Idemburgo Pereira Frazão** da obra *A Língua é o Exílio do que Sonhas*, do autor moçambicano Virgílio de Lemos. **A língua é o auxílio no que sonhas: uma reflexão sobre as tonalidades poético-identitárias de Virgílio de Lemos** acompanha o sentido disruptivo da crítica implicada nas análises desse número da Revista *Mulemba*, pois é capaz de evidenciar no texto de Virgílio de Lemos seu caráter “errante”. A pluralidade de sentidos atribuídos à obra do autor moçambicano, sob olhar de Frazão, está inscrita tanto na biografia de caráter diaspórico do próprio autor - Tema também já trabalhado e analisado em outros trabalhos sobre o poeta moçambicano –, quanto no trabalho formal de intertexto com autores como Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro.

Virgílio de Lemos é também visitado na construção do painel epistemológico elaborado por Rafael Sarto Muller em seu artigo **Literatura-Mundo: modos de olhar, modos de saber**. O sobrevoos realizado por Muller em torno de algumas prerrogativas atuais do conceito de literatura-mundo permite ao leitor perceber a relevância crescente desse debate para a crítica contemporânea. Elencando, inclusive, trabalhos críticos e metodologias relacionadas a esse conceito, e evocando o trabalho da professora Inocência Mata, Muller permite que tenhamos contato com a possibilidade de alinhamento da poética de Virgílio de Lemos ao movimento contemporâneo de subversão canônica.

No artigo intitulado **As caligrafias de um corpo moçambicano: passeio pelo Caderno de memórias coloniais**, de Shayara Lorena Arantes Oliveira, vemos intercalados aspectos da identidade com sua inscrição no corpo e na letra. A partir da leitura que Shayara Lorena Arantes Oliveira realiza da narrativa de Isabela Figueiredo, fica evidente a capacidade de o discurso ficcional de fazer ressoar traços da memória de tempos marcados pela colonialidade, simbolizados na relação da personagem com seu pai. Esses tempos se tornam recorrentes no imaginário pela maneira como a crítica reconhece sua sobrevivência nos indícios do cânone português do qual a escrita tenta se distanciar.

A enunciação produzida pelo sujeito e sua inscrição biográfica na matéria literária se torna central na análise realizada por Jéssica Falconi da entrevista enquanto método analítico.

Em seu artigo **A entrevista e os estudos das Literaturas Africanas em português**, Falconi demonstra como o trabalho de registro das entrevistas concedidas por autores do contexto das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa não é só essencial para a manutenção da área, como também é incontornável enquanto arquivo a ser visitado por qualquer pesquisador que tenha compromisso com a crítica desses textos literários. Ao evocar a tradição marcada no trabalho de pesquisadores como Michel Laban e Patrick Chabal, Falconi consolida a importância da entrevista como matéria de leitura pertinente à construção de uma crítica sobre Literaturas Africanas.

O número se encerra com a publicação de uma resenha que apresenta um convite para (re)visitarmos textos incontornáveis para o trato com as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. A resenha é um convite para mergulharmos em uma crítica que visa a transbordar as fronteiras que circundam material e epistemologicamente os estudos das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, sendo a organização de artigos de fôlego sobre esse *corpus* literário realizado pelos professores Sandra Sousa e Nazir Ahmed Can. A resenha de Ana Beatriz Matte Braun percorre o arcabouço crítico dos artigos reunidos no livro *The Africas in the World and the World in the Africas* como quem mapeasse uma biblioteca, cuja geografia transborda os limites tradicionais da crítica em torno das literaturas produzidas no continente africano.

A todos, uma excelente leitura.